



UM ESTUDO SOBRE A INTERFERÊNCIA DOS TELEJORNAIS REGIONAIS NA CONSOLIDAÇÃO DA IMAGEM DE FRUTAL (MG)

Octávio Augusto Ribeiro de Souza¹

Edwaldo Costa²

RESUMO: Este artigo foi elaborado como Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Atendimento Educacional Especializado (AEE). O estudo foi realizado no Colégio Estadual Vítor Soares, na cidade de Salvador. Pelo fato desta unidade escolar promover a inclusão de alunos com deficiência, foi implantada pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, através da Coordenação de Educação Especial, equipada com recursos do Ministério da Educação (MEC), uma Sala de Recursos Multifuncionais que oferece o AEE, no turno oposto, ao dos alunos matriculados no ensino regular que apresentam algum tipo de deficiência. Teve como público-alvo quatro alunos com deficiência intelectual que frequentam a 5ª série do referido colégio. Por ser esta sala um espaço organizado com materiais pedagógicos, equipamentos e profissionais que atendem às necessidades educacionais desse aluno, por meio do desenvolvimento de estratégias que permitam a construção do conhecimento, o jogo torna-se uma ferramenta fundamental nesse processo de aprendizagem. O resultado foi muito satisfatório, pois é evidente o interesse e a participação dos alunos na atividade, além de dar a oportunidade ao professor de presenciar a construção do pensamento lógico dos mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: *Frutal; Telejornalismo Regional; Televisão.*

¹ Aluno do sétimo período do Curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). E-mail: octavioaugusto_sg@hotmail.com

² Doutorando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Leciona na Faculdade Birigui e na Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG. E-mail: guga.aracatuba@terra.com.br

Introdução

Desde as primeiras pesquisas e descobertas científicas no século XX até a sua consolidação e evolução no século XXI, a televisão se firma como um dos principais meios de comunicação para a humanidade. A TV abrange toda a sociedade, transformando a vida das pessoas na criação e mudança de hábitos, comportamentos, na formação de opinião ou na aproximação entre diferentes culturas. Essa ampla abrangência conquistada pela televisão é o que mais tarde vai ser chamado de “aldeia global”. Segundo McLuhan (1971), sociólogo e pesquisador da Teoria da Comunicação, a tecnologia reduz o planeta a uma pequena aldeia global, na qual todos têm acesso ao conhecimento de tudo que nela acontece. Tal conceito foi uma referência ao processo de integração da TV via satélite, o início do período do “em tempo real” (MCLUHAN; FIORI, 1971).

Em qualquer lugar do mundo, a TV ocupa posição de destaque entre os meios de comunicação. No Brasil, a televisão ganha um prestígio ainda maior, visto que é a única via de acesso à informação para grande parte da população. Ao longo da história do país, vários foram os fatores que contribuíram para esse destaque: desigualdades sociais pela má distribuição de renda, concentração da propriedade das emissoras, regime militar nas décadas de 1960 e 1970, imposição de uma homogeneidade cultural e, até mesmo, a alta qualidade da teledramaturgia. O sucesso da TV no Brasil também se reflete nos lucros com a venda de publicidade: a televisão detém 59% desse mercado, enquanto os jornais têm apenas 18,1% da venda de anúncios.

Nesse contexto, o telejornalismo assume importante função social e política, visto que alcança grande parte da população iletrada ou pouco habituada à leitura. Boris Casoy alerta para a necessidade de se produzir uma TV com papel de conscientização do telespectador, principalmente daqueles que não possuem outras formas opcionais para obter informação. Segundo o argumento de que a cidadania tem sido “bem ou mal” levada à população pela TV, ele diz que é preciso ter cautela com o que diz e o que faz (CASOY apud TRAMONTINA, 1996). Porém, é pouco provável que o telejornalismo esteja cumprindo satisfatoriamente esse papel social, uma vez que grande parte das emissoras é propriedade de grandes corporações e há divergências entre os mais diversos interesses políticos e econômicos e as necessidades das camadas populares.

A relação de proximidade que a televisão mantém com o público analfabeto ou semianalfabeto evidencia o predomínio da oralidade sobre a escrita na cultura brasileira. Essa influência na oralidade propicia à TV o poder de se comunicar com uma vasta camada do público receptor, mas, para consegui-lo, esta é forçada a padronizar a linguagem. Para uma compreensão imediata do público e principalmente pela necessidade de conquistar índices de audiência, a TV revela deficiências próprias de uma limitação linguística, consequência que atinge principalmente os programas de maior audiência. A fórmula da TV comercial é simples: “a maior audiência aumenta o faturamento publicitário e soma rentabilidade às empresas, o que acaba por sacrificar o telespectador-cidadão e exalta o telespectador-consumidor, referência para todo o processo operacional das emissoras” (REZENDE, 2000, p. 66).

O formato do espetáculo, comum às produções de ficção e realidade, prende a atenção do público, marcado pelas diversidades. O espetáculo visa a contemplação, combinando, na produção telejornalística, uma forma que destaca imagens atraentes – muitas vezes desconsiderando o seu real valor jornalístico. Essa prioridade do visual nas mensagens, cujo objetivo é despertar fascinação do público, acaba por desvalorizar o poder expressivo das palavras. O jornalismo na TV é marcado pela limitação linguística, visto que, devido ao pouco tempo dos telejornais, sobretudo os do horário nobre, é forçado a condensar ao máximo o noticiário. A divulgação de um maior número de notícias no menor tempo possível transforma os informativos em mera sequência de manchetes, o que torna inevitável a redução vocabular.

O estabelecimento de um espetáculo contínuo na TV visa promover no público receptor uma percepção mais sensorial e afetiva do que racional, que tenha em sua essência uma íntima ligação entre destinador e destinatário. Nota-se, portanto, o predomínio da função fática da linguagem (JAKOBSON, 1995), em que o objetivo é estabelecer uma relação entre emissor e receptor, seguida das funções expressiva, conativa e referencial. Essa relação direta com o público acaba tornando a TV um instrumento dotado de simpatia e camaradagem, que se assemelha ao grupo familiar. Com isso, é dada ao público que recebe a informação uma sensação de diálogo permanente, que induz à convicção de que sempre tem alguém conversando “comigo” (telespectador).

Em muitas coberturas jornalísticas, como os atentados terroristas em Nova York e Washington e a Guerra do Iraque, o papel da imagem evidenciou a importância da reportagem constituída a partir do visual, sem a presença de repórteres nos locais dos acontecimentos. No entanto, é preciso que haja cuidado para não se misturar informação e espetáculo, jornalismo e entretenimento. A utilização da imagem bruta, como nesses exemplos, também exige a capacidade crítica de jornalistas e telespectadores. Mesmo ao vivo, é possível manipular a informação. O meio televisivo não pode levar todos os jornalistas a uma mesma interpretação, um mesmo posicionamento crítico.

A reportagem na TV não se resume a imagens e recursos tecnológicos, ela também vive de críticas e uma destas diz que a estrutura do meio é definida como tecnologia de difusão de empreendimento mercadológico e sustentadora do regime econômico. Reeves (2001), teórico do jornalismo das Universidades da Califórnia e de Columbia, diz que o jornalismo em TV acabou. Segundo ele, como todo processo de produção depende de imagens, os repórteres foram substituídos pelas câmeras, transformando-se em apenas leitores de chamadas. Porém, o jornalismo em cada período é feito com os recursos, meios e tecnologias disponíveis no interior das estruturas institucionais e econômicas vigentes. O trabalho de produção jornalística não se reduziu às imagens, muito pelo contrário, é preciso analisar em que momento as imagens contribuem para a difusão das notícias. Mesmo com o poder das imagens, a palavra se impõe como suporte fundamental ao visual. O discurso e a palavra são matérias-primas essenciais no jornalismo da TV (BARBEIRO; LIMA, 2005).

A linguagem televisiva resulta da combinação de três códigos: icônico, linguístico e sonoro Eco (1973, p. 365-386 apud REZENDE, 2000, p. 111). O código icônico refere-se à percepção visual através da capacidade expressiva da imagem, o que torna a linguagem televisiva universal. Sendo a imagem uma reprodução análoga do mundo concreto, são preservadas as peculiaridades culturais de cada região. O mesmo não ocorre com a linguagem verbal, em que cada língua dispõe de palavras próprias para identificar as coisas. O código linguístico refere-se à língua que se fala e se escreve, resultando numa variedade de palavras e na combinação das mesmas (frases). Segundo Eco (1973), o código linguístico se subdivide em “jargões especializados”, vocábulos específicos de uma linguagem técnica, e os “sintagmas estilísticos”,

expressados por meio de figuras retóricas que correspondem às imagens estéticas do código icônico.

De acordo com a concepção de telejornalismo adotada no Brasil, influência direta do modelo norte-americano, a imagem é indispensável na construção da notícia, enquanto a palavra tem papel de complemento e suporte da informação visual. De acordo com Paternostro (1987, p. 41 apud REZENDE, 2000, p. 43), “É com a imagem que a televisão compete com o rádio e o jornal, exercendo o seu fascínio para prender a atenção das pessoas”. Nesse contexto, cabe ao jornalista de TV uma maior preparação para que se possa tirar maior proveito das potencialidades expressivas da imagem, adotando-se critérios próprios para seleção do fato noticioso, conferindo prioridade ao aspecto visual das informações. A combinação harmônica entre imagem e palavra é descrita no manual de telejornalismo da Rede Globo de Televisão, que por sua vez se espelha nas normas do *Television News*, guia do telejornalismo norte-americano:

Respeitar a palavra é muito importante no texto da televisão. Imprescindível, no entanto, é não esquecer que a palavra está casada com a imagem. O papel da palavra é enriquecer a informação visual. Quem achar que a palavra pode competir com a imagem está completamente perdido. Ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado ou o texto trai a sua função. (MANUAL DA..., 1986, p. 11).

A preocupação com o texto jornalístico, mesmo com o destaque para o visual nas produções em TV, é fundamental aos profissionais da área. Segundo Nogueira, diretor de jornalismo da TV Globo entre 1967 e 1989, “o poder da palavra é insubstituível, pois é ela quem amarra e diminui o impacto que as imagens, por si sós, poderiam causar” (REZENDE, 2013, p. 9). E nada pode justificar que uma imagem de impacto prevaleça como critério para seleção do que vai ser levado ao ar, em detrimento do valor jornalístico (critérios da notícia).

A linguagem/estilo jornalístico se constitui da junção dos registros formais – próprios da modalidade escrita – e da forma coloquial – modalidade falada, da conversa familiar, entre amigos. Essa união está expressa no Manual de Redação de *O Estado de São Paulo*, que diz: “O texto de jornal deve ter estilo próximo da linguagem cotidiana, sem deixar de ser fiel à norma culta” optando pela “palavra mais simples e a expressão mais direta e clara possível, sem tornar o texto impreciso” (MANUAL DE..., 1992, p. 86). A respeito da linguagem jornalística, Paternostro (2006, p. 94) afirma que sempre

que o jornalista escrever para TV, deve se lembrar de que é um contador de história. O jornalista deve “contar” os acontecimentos do cotidiano de maneira que toda a sociedade entenda, como se estivesse conversando com uma pessoa. As qualidades da linguagem coloquial passam a ser as exigências do texto jornalístico da TV, sempre respeitando as regras gramaticais da língua. Contudo, a TV tem de respeitar o receptor da mensagem e transmitir informação em uma linguagem coloquial correta.

O texto na TV deve ter linguagem clara, de fácil compreensão para o público. Quanto mais palavras conhecidas (familiares) ao telespectador, maior será o grau de comunicação. As palavras e estruturas das frases devem se assemelhar ao diálogo de uma conversa. Deve-se usar sempre palavras simples e fortes, elegantes, apropriadas ao contexto e significado da história que é narrada. Há de se advertir que texto simples não é, necessariamente, texto pobre ou vulgar, o texto natural também não é um texto “rebuscado” ou literário. O uso de orações em sequência lógica e na forma direta (sujeito + verbo + predicado) auxilia na melhor compreensão da informação. A emoção contida na imagem não pode ser abafada pelo texto, ao passo que a emoção contida na narração de uma reportagem se torna um diferencial do produto final.

Outra forma de simplificar a construção da linguagem jornalística aplicada à TV, contida nos manuais – influência do jornalismo norte-americano – é a aplicação do *lead* e da pirâmide invertida. O texto nesses moldes deve ser claro, conciso, direto, preciso, simples e objetivo. Cabe ao jornalista o aprimoramento constante para que, dominando a linguagem, possa divulgar a informação de forma clara a todo o público. Segundo Warren (1975, p. 70 apud REZENDE, 2000, p. 81), “as palavras são o instrumento de trabalho e a matéria-prima do homem que escreve para ganhar a vida e seu trabalho consiste em torná-las simples e claras para seus clientes, os leitores [...]”. Ainda sobre a linguagem jornalística, cabe ao repórter nunca perder de vista o universo vocabular do leitor e nunca escrever o que não diria.

A linguagem em TV deve ser a mais clara possível e, também, a mais precisa, para que seja entendida de imediato pelo receptor, pois é impossível se voltar atrás, não há *replay*. Para Paillet (1986, p. 77), essa preocupação “incita ao máximo de redundância em detrimento da originalidade da mensagem”. Segundo esse conceito, Nogueira (1997, p. 55) diz:

[...] é preciso que você ajuste a palavra à imagem de tal maneira que a televisão acaba dando a ideia de que ela é em si um veículo redundante, porque a imagem está mostrando uma coisa e você está reforçando isso que você está mostrando através de palavras. Por que você deve fazer isso? Não só para ajustar, para harmonizar as duas mensagens, mas também para fixar melhor [...].

Por ser um texto para ser lido e ouvido, é recomendado ao redator da notícia ler seu texto em voz alta duas ou três vezes, de preferência para outras pessoas. Essa técnica auxilia na identificação e correção de possíveis erros que possam interferir no trabalho do apresentador ou repórter do telejornal. A palavra no telejornalismo também não se restringe ao que é apenas falado. O *crédito* que identifica pessoas (locutores, repórteres, entrevistados) e os locais onde ocorrem os fatos noticiados também ajudam na compreensão do telespectador. Uma troca desses créditos, mesmo que por equívoco, pode ter consequências graves, caso uma pessoa, por engano, seja identificada como um marginal, por exemplo. Outra situação que requer o emprego da palavra escrita é quando se tem matérias de “jornalismo de serviço” (mercado financeiro, cotações de produtos industriais e agropecuários, resultado de eleições e de loterias, informações sobre trânsito e meteorologia etc.).

Um aspecto que interfere diretamente na produção telejornalística, assim como tudo o que é produzido na televisão, desde os programas de entretenimento à publicidade, é o tempo. Os noticiários têm de disputar junto a outros programas um espaço na grade de programação, o que contribui para reduzir consideravelmente o número de notícias através de uma rigorosa seleção do que é levado ao ar. Sobre esse critério de seleção, Green (1973, p. 57) destaca que “[...] as notícias de televisão são basicamente notícias de primeira página”. A restrição do tempo, muitas vezes calculado no formato adotado no mercado publicitário, faz com que a notícia seja dada no espaço de 20 a 30 segundos. Porém, essa proporção tem mudado nos últimos anos, fazendo com que mesmo os jornais impressos, influenciados pela linguagem em TV, reduzam o tamanho dos seus textos. O surgimento de canais especializados em informação nas TVs por assinatura, a exemplo da CNN e Globo News, também contribuiu para dar à notícia maior destaque com maior tempo.

Para se chegar a um formato em que o texto na TV se adapte ao pouco tempo disponível na grade de programação das emissoras, Beting (1984 apud TRAMONTINA, 1996, p. 105) diz:

Num comentário de 30 segundos não se pode desperdiçar uma única palavra, deixar uma ideia não muito clara. E só escrevendo e reescrevendo duas, três, quatro vezes que se consegue chegar a um texto claro e enxuto, que não tenha palavras sobrando e nenhuma ideia confusa. Jamais, de improviso, você conseguirá fazer um bom comentário dispondo de um tempo tão curto. É um exercício diário de desenvolvimento de redação.

No trabalho frente às câmeras, o apresentador dá vida ao texto. A expressão facial, os gestos, a velocidade de leitura, as pausas para locução, entonação e ênfase em certas expressões dão à informação significados complementares. O apresentador de TV desempenha um importante papel ao estabelecer um clima de conversação com o público receptor. Ele acompanha e participa de toda a construção do telejornal em suas etapas, fazendo com que, na maioria das vezes, o âncora (apresentador) também seja o editor-chefe do telejornal. Para auxiliar nessa relação entre o apresentador e o telespectador, o *teleprompter*, aparelho acoplado à câmera e que exhibe as notícias a serem lidas pelo apresentador, permite ao mesmo que leia ou comente a notícia de olho no público por intermédio da câmera. Essa técnica fortalece a função fática da linguagem e proporciona ao receptor a sensação de que este seja um participante do diálogo. “[...] de qualquer ângulo que se olhe para a tela da TV, o olhar do locutor está ligado ao do espectador” (GLEISER, 1983, p. 35).

Telejornalismo no Brasil

O primeiro telejornal brasileiro, *Imagens do Dia*, surgiu dois anos após o nascimento da TV no país, no dia 20 de setembro de 1950, graças ao pioneirismo da TV Tupi - canal 6 da cidade de São Paulo. Mesmo com precárias condições técnicas, o noticiário apresentava uma sequência dos últimos acontecimentos locais, tendo na equipe o apresentador, redator e produtor Ruy Rezende, além dos cinegrafistas Jorge Kurjian, Paulo Salomão e Afonso Ribas. A primeira reportagem filmada exibida foi o desfile cívico-militar pelas ruas de São Paulo. Dois anos mais tarde, em janeiro de 1952,

era criado também pela TV Tupi o *Telenotícias Panair*, produzido pela equipe de jornalismo da emissora.

Vários telejornais foram criados na década de 1950, graças à conjuntura política, econômica e social da época. A indústria nacional apresentava índices de crescimento e as cidades se transformavam pelo desenvolvimento do comércio, atividades financeiras, de educação e de serviços. Na política, Getúlio Vargas assumia a presidência em substituição ao general Eurico Gaspar Dutra. A união desses fatores contribuiu para o desenvolvimento da TV e, conseqüentemente, do telejornalismo brasileiro. Contudo, a precariedade para a produção de telejornais era grande, já que as tecnologias mal chegavam ao país e, somado a isso, havia a inexperiência dos primeiros profissionais, vindos do rádio, o que era comum. A maior parte do noticiário se restringia ao estúdio e as dificuldades em se fazer coberturas externas eram muitas. “A repercussão dessas falhas na comunidade, no entanto, era pequena, visto a limitação do número de pessoas que tinham acesso às imagens de TV, o que era considerado uma regalia e *status*” (REZENDE, 2000, p. 69).

O grande marco do telejornalismo na década de 1950 surgiu pouco depois: o *Repórter Esso*, que contava com noticiário nacional e internacional, firmou-se no horário nobre da noite e teve Gontijo Teodoro como seu único apresentador. O *Repórter Esso* foi inovador em seu formato e conteúdo, intercalando filmes com noticiários e permanecendo no ar por 11 anos. O noticiário representava a manifestação do modelo produzido e apresentado por profissionais que vinham do rádio, com estilo forte e vibrante copiado da locução radiofônica. Quanto ao aspecto visual, “todos os telejornais eram parecidos: uma cortina de fundo, uma mesa e uma cartela com o nome da marca patrocinadora” (LIMA, 1985, p. 9), o que demonstrava a subordinação dos programas aos interesses dos patrocinadores, influência direta do telejornalismo norte-americano (PRIOLLI, 1985 *apud* REZENDE, 2000, p. 72).

Na década de 1960, a TV brasileira ganha um novo impulso com a chegada do videotape, encomendado especialmente para registrar a inauguração de Brasília, a nova capital federal. O *Jornal de Vanguarda* passou a ter maior destaque, transmitido inicialmente pela TV Excelsior, e depois pelas TVs Tupi, Globo, Continental e Rio. O noticiário foi responsável por uma série de inovações, como o uso de uma linguagem

informal e a presença de locutores, dentre eles Cid Moreira, além da participação de vários cronistas especializados: Villas-Boas Correia, Millôr Fernandes, Newton Carlos, Gilda Muller, Stanislaw Ponte Preta, entre outros. A qualidade da produção do noticiário, marcado pela originalidade da estrutura e formato de apresentação, rendeu não apenas o reconhecimento no Brasil, como também no exterior. Ganhou o Prêmio Ondas de melhor telejornal do mundo em 1963, na Espanha, sendo referenciado por McLuhan – um dos principais teóricos da comunicação – em suas aulas sobre comunicação. O reconhecimento do *Jornal de Vanguarda* esbarrou no golpe militar de 1964, resistindo por algum tempo após a edição do Ato Institucional nº 5 pelo governo militar.

Em 1969, surge pela Rede Globo de Televisão, no Rio de Janeiro, o *Jornal Nacional*, modelo que revolucionou os demais noticiários nas últimas décadas e, ao mesmo tempo, sai do ar o *Repórter Esso*, o que deu início a uma nova fase no telejornalismo do país. Nesse mesmo período, surge a Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel), responsável por interligar o Brasil por linhas básicas de micro-ondas e pelo consórcio internacional para utilização de satélites de telecomunicações. Nesse contexto, que possibilitou a integração nacional e uma maior aproximação com o restante do mundo, surgiram as primeiras redes de TV.

O momento favorável ao desenvolvimento da telecomunicação brasileira contribuiu para o lançamento do *Jornal Nacional* (JN), em 1969, transmitido simultaneamente, ao vivo, para o Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba e Brasília, atingindo uma população estimada em 56 milhões de brasileiros. O planejamento das notícias e comentários, escritos por redatores selecionados, unido à atenção pelo que está acontecendo agora, ou seja, pela instantaneidade dos fatos, são marcas do *Jornal Nacional*. A redação totalmente informatizada e ligada *on-line* em todas as praças, mesas e diretores contribuíram para a instantaneidade do que é veiculado no JN. A linguagem, o formato e a figura do repórter tiveram influência, mais uma vez, do telejornalismo norte-americano. “Desde o início, o *Jornal Nacional* enfrentou o estigma que perseguiria a TV por muitos anos: a afinidade ideológica com o regime militar. O formato do JN não residiria apenas na qualidade

técnica, uma vez que o conteúdo estava sacrificado pela interferência da censura” (REZENDE, 2000, p. 40).

Ao longo da década de 1970, outros telejornais foram criados na TV brasileira: *Titulares da Notícia* pela TV Bandeirantes de São Paulo; *Rede Nacional de Notícias* da TV Tupi e *A Hora da Notícia* pela TV Cultura, sendo o último um noticiário voltado aos problemas das comunidades, com forte valorização do depoimento popular. Através do *A Hora da Notícia* o telespectador ganhou espaço e importância na TV, ideologia que ia contra ao regime militar vigente. Ainda no final da década de 1970, a TV Bandeirantes reformula o jornalístico *Titulares da Notícia*, que também passa a adotar a mesma linha do noticiário da TV Cultura de São Paulo. Porém, foi a TV Globo que melhor aproveitou o que esse período da TV brasileira proporcionou: apuros técnicos, desenvolvimento, maior qualidade das produções e criterioso planejamento.

A preocupação com a qualidade, bem como o conteúdo noticioso da TV Globo, se refletiu em toda a sua programação, e, em 1973, entra no ar o *Fantástico - o Show da Vida*, uma produção que combinava informação jornalística e entretenimento e que revolucionou a TV brasileira nas noites de domingo. Para José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, “ter uma voz firme e com timbre bonito, além de uma boa aparência, eram características importantes para se atingir o público feminino das telenovelas da casa, evitando-se que esse grande público mudasse de canal na passagem da novela para o *Jornal Nacional*” (REZENDE, 2000, p. 123).

Outros aspectos foram considerados fundamentais para se atingir o padrão de qualidade dos telejornais da Rede Globo, como o cuidado na forma de apresentação das notícias, visível na escolha de locutores, cenários, imagens de qualidade e edição das matérias. Sobre essa preocupação no trato com a notícia, Pignatari (1984 apud REZENDE, 2000, p. 14) argumenta:

Claro que não foi a Globo que criou o telejornalismo, mas foi ela que eliminou o improviso, impôs uma duração rígida no noticiário, copidescou não só o texto como a entonação e o visual dos locutores, montou um cenário adequado, deu ritmo à notícia, articulando com excelente “timing” texto e imagem (pode ser que você não se lembre, mas com a Globo começamos a assistir a essa coisa quase impossível: os programas entrarem no ar na hora certa).

Toda a qualidade do “padrão Globo” de jornalismo também se fez presente nos demais noticiários da emissora: o *Jornal Hoje*, na hora do almoço, o *Jornal da Globo*, no fim da noite, e o *Bom Dia São Paulo*, no início da manhã, que posteriormente fez surgir o *Bom Dia Brasil* e os telejornais locais das manhãs nas emissoras afiliadas de todo o país. Nesse período também foram lançados o *Globo Rural* – programa voltado ao homem do campo, com notícias agrícolas, dicas rurais, cotações agropecuárias e previsão do tempo, e o *Globo Repórter* – com linguagem de documentário e abordagem de temas específicos em profundidade. Durante a fase de censura do período militar, o telejornalismo da Globo, líder de audiência, manteve-se distante da realidade brasileira. “Despolitizada, a emissora encontrava nos programas de entretenimento o atalho para se aproximar afetivamente de sua audiência” (REZENDE, 2000, p. 131).

Outra crítica quanto ao telejornalismo da Globo, sobretudo ao *Jornal Nacional*, é a superficialidade no tratamento dos fatos que acabava por impedir a prática de um jornalismo mais denso e crítico. O episódio das “Diretas Já” na década de 1980, que reivindicava o voto direto para presidente da república, é um exemplo dessa postura do jornalismo da emissora. Preferiram o silêncio da não cobertura do movimento ao “clamor das multidões que lotavam as praças das grandes capitais brasileiras” (MELO 1984 apud REZENDE, 2000, p. 123). Uma alternativa do telejornalismo brasileiro para a censura imposta foi dinamizar a cobertura internacional. De certa forma, o recurso buscava alertar a consciência do público para assuntos polêmicos. “Não se podia falar de greve no Brasil, mas a TV mostrava imagens do movimento grevista ocorrido na França, por exemplo. Eleições também era tema proibido, mas as imagens informavam sobre as eleições norte-americanas” (MELLO E SOUZA, 1984 apud REZENDE, 2000, p. 155).

O fim da década de 1970 e início dos anos 1980 representaram o fim dos limites impostos pela censura. Na TV Tupi, o programa semanal *Abertura* se transformou em um marco do período. O programa deu voz aos exilados que retornavam ao país, como Leonel Brizola, Luís Carlos Prestes, entre outros. Mesmo com a boa audiência, o programa teve duração de pouco mais de um ano e meio. Em 1980, saía do ar com o processo de falência da TV Tupi. O período de redemocratização do país, no entanto, não ameaçava a supremacia do telejornalismo da Globo. O JN

manteve seu alto índice de audiência mesmo diante da mudança de horário – sua inserção entre as novelas das sete e das oito, programas de maior audiência da televisão brasileira. “Em 1979, o JN alcançava a prodigiosa marca de 79,9% da audiência nacional, o que correspondia a 11.985 mil televisores e 59.925 mil telespectadores ligados no noticiário” (D’ÁVILA, 1982 apud REZENDE, 2000, p. 60).

Com o processo de falência da TV Tupi, no começo da década de 1980, a televisão brasileira ganhava duas novas emissoras: o SBT – Sistema Brasileiro de Televisão, do radialista, empresário e conhecido apresentador, Sílvio Santos; e a Rede Manchete, do grupo Bloch. O telejornalismo da Manchete trouxe consigo novas ideias, além de abrir espaço para produções independentes visando atingir, sobretudo, as classes A e B. O Jornal da Manchete enfatizou o comentário e análise dos fatos no horário nobre, ousadia que lhe rendeu prestígio e audiência. No caso da outra rede, o SBT, foi lançado em 1988 o *Telejornal Brasil* (TJ Brasil), o primeiro noticiário brasileiro que traz a figura do âncora – “o jornalista que dirige, apresenta e comenta as notícias do jornal” (PATERNOSTRO, 1999, p. 37) – modelo trazido do telejornalismo norte-americano. Nesse cenário, Boris Casoy, jornalista consagrado no meio impresso, sendo editor-chefe da *Folha de S. Paulo*, destaca-se como apresentador e editor-chefe do TJ Brasil, fazendo entrevistas e comentários sobre o que era noticiado.

O TJ Brasil surge no período em que o SBT consolida-se como vice-líder na audiência da televisão brasileira. Com o noticiário, consolidou-se também o papel do âncora, posteriormente adotado pelos principais telejornais do país: Carlos Nascimento à frente do *Jornal da Cultura*, da TV Cultura de São Paulo e Marília Gabriela no *Jornal da Bandeirantes*. Junto a esse novo formato, o *Jornal Nacional* da TV Globo insere, no início de 1989, análises sobre determinados assuntos com a presença de especialistas, como Paulo Henrique Amorim, Joelmir Beting, Lillian Witte Fibe, Alexandre Garcia e Paulo Francis.

A década de 1990 representou para o telejornalismo a busca constante de credibilidade, através da valorização do jornalista como apresentador das notícias. Em 1996, a TV Bandeirantes passa a contar com o jornalista e então correspondente internacional da TV Globo, Paulo Henrique Amorim, para o comando (apresentação, reportagem e edição) do *Jornal da Bandeirantes*. No mesmo período, o *Jornal Nacional*

passa a contar com uma dupla de jornalistas apresentadores – Willian Bonner e Lillian Witte Fibe – em substituição aos apresentadores-locutores Cid Moreira e Sérgio Chapelin. Também na década de 1990, o renomado jornalista Boris Casoy deixa a função de âncora do TJ Brasil do SBT e vai para a TV Record de São Paulo, emissora do bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus. No dia 14 de julho de 1997, Casoy assume a apresentação do *Jornal da Record*.

Esse período de pleno desenvolvimento dos telejornais das emissoras brasileiras contribuiu para o desenvolvimento de conteúdo jornalístico na televisão por assinatura. Em 15 de outubro de 1996, a TV Globo lança o projeto Globo News, um canal exclusivo da emissora, 24 horas no ar e voltado para difusão da informação. O novo canal combina instantaneidade com aprofundamento da informação. Na grade de programação da Globo News, o destaque para o *Em Cima da Hora*, breve noticiário de hora em hora e o *Jornal das Dez*, às 10 da noite, com as notícias e comentários dos acontecimentos mais relevantes do dia. O canal também conta com programas com outros formatos jornalísticos, apresentados por grandes nomes do jornalismo da Globo, como Alexandre Garcia, Caco Barcelos, Ernesto Paglia e Carlos Tramontina.

Em 2007, a Rede Record de São Paulo assume a vice-liderança em audiência entre as TVs abertas, desbancando o SBT. A emissora de Edir Macedo passa a investir cada vez mais em jornalismo, com destaque para o *Jornal da Record* e a criação, em 27 de setembro do mesmo ano, da Record News, primeiro canal exclusivo de notícias na TV aberta do Brasil.

Telejornalismo em Frutal

Frutal, cidade com população estimada em 53.468 habitantes (IBGE, 2010), assim como a grande maioria dos pequenos municípios brasileiros, não conta com uma emissora local de televisão, destacando-se localmente a força da mídia radiofônica. A cidade dispõe de uma concessão de TV desde 2002, porém a mesma nunca foi utilizada. Os munícipes frutalenses acompanham pelo sinal da TV aberta a programação local gerada por emissoras com sede nas duas maiores cidades da região do Triângulo Mineiro, a saber: TV Integração (afiliada Rede Globo), em Uberaba e TV Paranaíba

(afiliada Rede Record), em Uberlândia. A cidade de Frutal também recebe o sinal de outras emissoras, como a TV Alterosa (SBT) e Rede Minas (TV Brasil), ambas de Belo Horizonte, TV Band Triângulo de Uberaba e TV Mundo Maior, de São Paulo.

Emissoras analisadas

O presente trabalho visa analisar o trabalho telejornalístico que tem como foco a cidade de Frutal por duas emissoras de TV na região do Triângulo Mineiro: TV Integração e TV Paranaíba. Ambas representam as duas maiores redes de comunicação televisiva no Brasil, Rede Globo e Rede Record, respectivamente, e transmitem suas programações através do sinal de TV aberta para todos os municípios da região. A análise restringe-se a reportagens exibidas nos telejornais *MGTV* (TV Integração) e *Balanço Geral* (TV Record).

TV Paranaíba

A TV Paranaíba - canal 10 de Uberlândia, pertencente à Rede Mineira de Rádio e Televisão Ltda., foi criada em 28 de junho de 1978 por Ary de Castro Santos, sendo a primeira emissora afiliada à Rede Bandeirantes no Brasil. Foi pioneira no uso de sistemas de micro-ondas em 400 quilômetros de rotas da Companhia Telefônica do Brasil Central (CTBC) para distribuir o sinal de seus programas para quase todo o Triângulo Mineiro. A primeira cidade a receber esse serviço por micro-ondas foi Ituiutaba, em 15 de agosto de 1979. Em outubro de 1982, a TV Paranaíba também passou a transmitir todo o conteúdo gerado pela Rede Bandeirantes através de sinal via satélite. O grupo de comunicação ainda conta com duas emissoras de rádio: a Educadora Jovem Pan AM e a Paranaíba FM, ambas em Uberlândia.

Desde 2003, a TV Paranaíba se filiou à Rede Record e em 2008 passou a gerar conteúdo local, com foco no jornalismo. Hoje, são produzidas diariamente três horas e quinze minutos de programação jornalística, de segunda a sexta-feira, através dos programas: *190 Paranaíba* (resumo da ronda policial, reportagens com foco em segurança pública), *Balanço Geral* (programa com foco comunitário, atuante na defesa de interesses assistenciais, comentários acerca dos assuntos do dia, promoção de

campanhas, informação e entretenimento) e o *Jornal Paranaíba* (resumo regional de notícias, formato institucional padrão, com análise política, foco em comportamento, economia, aspectos sociais e noticiário esportivo).

A emissora conta com uma equipe formada por 84 profissionais, entre redatores, pauteiros, repórteres, editores, operadores, técnicos, analistas, assistentes, contrarregras, maquiadores, expansão e engenharia, nas áreas de Jornalismo, Operações, Programação, Multimídia e Tecnologia.

A área de cobertura da TV Paranaíba abrange o Pontal do Triângulo, Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba, Noroeste e Sudoeste de Minas, além de parte do Sul de Goiás. Aproximadamente 100 municípios recebem o sinal da emissora, com público potencial de 2,5 milhões de habitantes, sendo as cidades mais importantes economicamente: Uberlândia, Uberaba, Araguari, Ituiutaba, Patos de Minas, Araxá, Patrocínio, Passos, São Sebastião do Paraíso, João Pinheiro e Catalão. Desde 2010, opera com sinal digital para a cidade de Uberlândia e a previsão é que mais 12 cidades, com população superior a 50 mil habitantes, também receba o sinal digital até 2014.

TV Integração

A história da TV Integração (Rádio Televisão de Uberlândia Ltda.) começa em 1962, quando Adib Chueire consegue a concessão de TV, outorgada por Tancredo Neves, e vende a ideia ao empresário Edson Garcia Nunes. Em 1964, entra no ar, em fase de testes, a TV Triângulo - canal 08 de Uberlândia, o primeiro canal de televisão do interior do Brasil. A primeira transmissão foi uma entrevista entre Wilson Ribeiro e o bispo de Uberlândia, Dom Almir. O jornalismo da emissora surge anos depois, em 1967, como *A Marcha do Mundo*, o primeiro telejornal constante da TV local, veiculado até a década de 1970. Em 1969, a emissora ganha sede própria, localizada no bairro Umuarama em Uberlândia.

Em 1970, Tubal Siqueira assume a direção geral da TV Triângulo, trazendo para a grade de programação da mesma o *Jornal Nacional*, produzido no Rio de Janeiro, assim como outros programas da Rede Globo de Televisão. Nesse mesmo ano, é realizada a transmissão dos jogos da Copa do Mundo. Em 1971, a TV Globo propõe

uma parceria à TV e, dessa forma, a TV Triângulo de Uberlândia se torna a primeira emissora afiliada Rede Globo no Brasil. Na década de 1980, a emissora ganha uma edição local do *Jornal Hoje*, uma semana após a edição do Rio de Janeiro, com a apresentação de Orlei Moreira, Cleto Gomes, Raquel Diniz, Manoel Rodrigues e Marli Spini. Nesse mesmo período, entra no ar o *Jornal das Sete* da TV Triângulo e a Rádio Cultura.

No final da década de 1980, são dados os primeiros passos para a formação de uma rede de emissoras na região. Em 1988, surge a TV Pontal (Ituiutaba) nas regiões do Pontal e Oeste de Minas e, com a chegada da mesma em Uberaba, passa a se chamar TV Ideal. Em 1991, em Araxá, surge a TV Jaguará com projeto inovador para a região do Alto Paranaíba. Mais tarde, torna-se TV União, com a ampliação de sua área de cobertura para a região Centro-Oeste de Minas e a criação da sede em Divinópolis (1997). Posteriormente, em 2003, as marcas TV Integração (Uberlândia – Patos de Minas), TV Ideal (Ituiutaba – Uberaba) e TV União (Araxá – Divinópolis) passam a adotar uma única marca: Rede Integração.

Em 2007, a TV Integração se associa à TV Panorama de Juiz de Fora, com posterior mudança da marca ocorrida no início de 2012. Em 2009, é lançada em Uberlândia a primeira transmissão digital em alta definição do interior do estado. Além de Uberlândia, também contam com transmissão em HD as cidades de Ituiutaba, Uberaba e Araguari, ambas no Triângulo. Com uma área de cobertura que abrange o Triângulo Mineiro, Pontal do Triângulo, Alto Paranaíba, Centro-Oeste Mineiro, Noroeste de Minas, Zona da Mata, Campo das Vertentes e parte do Sul de Minas, em um total de 233 municípios, com uma população aproximada em 5,5 milhões de habitantes, a TV Integração se consolida como o maior grupo de comunicação do interior de Minas Gerais.

A TV Integração (Ituiutaba – Uberaba) conta com sete equipes de reportagem e é responsável pela cobertura de Frutal e de outros 27 municípios do Triângulo Mineiro e Pontal, com uma população de aproximadamente 725 mil habitantes. Até a Copa do Mundo de 2014, Frutal contará com o sinal digital da TV Integração, assim como outras 22 cidades da área de cobertura do grupo.

Ausência de Frutal nas pautas de TV

Nesta parte, será feita uma descrição da presença do município de Frutal em alguns telejornais da TV regional aberta brasileira. Para esse fim, foram observados programas jornalísticos de informação. Conforme Souza (2004), entende-se por categoria informação os gêneros: debate, documentário, entrevista e telejornal.

Esta pesquisa está focada no telejornalismo. Por isso, não existe a necessidade de definir os demais gêneros.

Sobre o município de Frutal

Para fazer-se a observação aqui apresentada, primeiro é preciso situar o leitor sobre os dados referentes ao município de Frutal. O surgimento do município começou a partir do trânsito dos desbravadores que iam de São Paulo rumo a Goiás e Mato Grosso, por volta de 1850, quando o povoado foi elevado à categoria de Arraial. Em 1854, foi incorporado ao município de Uberaba e, em 4 de outubro de 1887, através da Lei nº 3.464, é elevado à categoria de cidade, já com a denominação de Frutal.

O município de Frutal localiza-se na Região Administrativa do Triângulo e Alto Paranaíba, no oeste do Estado de Minas Gerais. No Triângulo Mineiro, está localizado no sul da região, tendo o Rio Grande como divisa junto à região Noroeste do Estado de São Paulo. Segundo o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT), Frutal está a 620 km da capital mineira – Belo Horizonte, 139 km de Uberaba e 154 km de Uberlândia.

De acordo com dados do censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Frutal conta com uma população de 53.474 habitantes – 27.074 homens e 26.400 mulheres. Junto aos municípios de Campina Verde, Carneirinho, Comendador Gomes, Fronteira, Itapagipe, Iturama, Limeira do Oeste, Pirajuba, Planura, São Francisco de Sales e União de Minas constitui a Microrregião de Frutal.

A economia do município se apresenta diversificada, com predominância da agropecuária e destaque para o cultivo de cana-de-açúcar e abacaxi, além da produção de leite. Duas usinas sucroalcooleiras estão instaladas na região de Frutal (Bunge e

Cerradão), tornando o município um dos maiores produtores de cana-de-açúcar em Minas Gerais. A cidade também é referência em comércio e prestação de serviços de saúde e educação junto aos municípios vizinhos.

Em setembro de 2011, a imprensa de Frutal completou 116 anos de história. O primeiro jornal da região, *O Santelmo*, surgiu em 1895, e a primeira emissora de rádio frutalense data de 1963, sob o prefixo ZYL 235, em amplitude modulada (AM). Em 1990, surge a primeira rádio de frequência modulada (FM), a Centenário FM Ltda., popularmente conhecida como Rádio 97 FM. A televisão no município de Frutal surge em 1961, com posteriores apresentações do novo meio de comunicação em praça pública junto à população local.

Atualmente, Frutal conta com expressivo número de jornais impressos: *Jornal Pontal* (desde 1990, pertence ao grupo de comunicação da Rádio 97 FM), *Jornal de Frutal* (1995, pertence ao grupo de comunicação da Rádio 102 FM), *Jornal Diário* (surge em 1997 com o nome *Jornal Nova Frutal Regional*), *Correio da Região* (2003) e *Jornal da Cidade* (2005).

Contudo, o meio radiofônico é o que exerce maior influência na comunicação local. Hoje, Frutal conta com quatro rádios, todas de frequência modulada (FM): Rádio 97 FM – programação mais voltada ao gênero sertanejo, Rádio 102 FM – programação voltada ao público jovem, Rádio Cidade – emissora comunitária voltada para o público religioso, e Rádio Cultura – emissora comunitária com programação diversificada e voltada ao público jovem.

A televisão no município de Frutal surgiu na década de 1960 graças ao trabalho do técnico Jeová Ferreira. “Em 1965 é criado o Clube de Televisão de Frutal, cujo objetivo era arrecadar recursos para aquisição de torres e equipamentos transmissores de TV. O clube inaugurou a Torre Nova Granada - SP e a Torre Local, que passaram a receber sinais da TV Tupi” (GUILHERME *et al.*, 2011, p. 36).

Em 2012, Frutal recebe o sinal da TV Integração (Rede Globo), TV Paranaíba (Rede Record), TV Alterosa (SBT), TV Band Triângulo, Rede Minas de Televisão (TV Brasil) e TV Mundo Maior (Fundação Espírita André Luiz), única a gerar conteúdo local mais voltado ao espiritismo. A cidade ainda não conta com a transmissão digital

em alta definição de nenhuma TV, o que resulta em sinal de baixa qualidade de algumas emissoras.

O município também conta com outras mídias, como as revistas *Atual e Agora*, publicadas bimestralmente e voltadas para o entretenimento e cobertura social, com distribuição gratuita, apenas um *site* de notícias na internet – Portal Integração e seis *sites* voltados a coberturas de eventos – “Frutal na Balada”, “Agito Frutal”, “Frutal Eventos”, “Alta Sociedade”, “Bastidores Eventos” e “Mix Frutal”.

Frutal nos noticiários nacionais e locais

Durante o período de observação, nos grandes noticiários nacionais um dos assuntos de maior destaque, senão o de maior relevância, diz respeito ao caso do bicheiro Carlinhos Cachoeira. No dia 29 de fevereiro de 2012, Carlos Augusto Ramos, mais conhecido por Carlinhos Cachoeira, foi preso, acusado de ser o chefe de uma quadrilha especializada em explorar máquinas caça-níqueis em cinco estados do país. Desde o início das investigações, a Polícia Federal, o Ministério Público Federal e a Receita Federal lançaram a Operação Monte Carlo, trazendo à tona muito mais do que denúncias relacionadas à exploração do jogo ilegal. O bicheiro, já envolvido em outro escândalo ocorrido em 2004, no Governo Lula, que ficou conhecido como Caso Waldomiro Diniz, também é investigado por ter forte influência na política goiana. Gravações obtidas pela Polícia Federal (PF), captadas por ordem judicial, mostraram a grande intimidade entre Cachoeira e deputados federais de vários partidos, incluindo o senador goiano Demóstenes Torres, então líder do Democratas (DEM) no Senado. O avanço das investigações revelou que a relação entre o bicheiro e o senador Demóstenes ia além da simples amizade, culminando num relevante escândalo político.

Demóstenes Torres (DEM) tinha um aparelho celular Nextel habilitado nos Estados Unidos, para uso exclusivo junto a Cachoeira. Nas conversas, o político repassava ao bicheiro as informações sobre reuniões mantidas no Executivo, Legislativo e Judiciário, numa complexa rede de corrupção. As conversas obtidas na justiça obrigaram o senador a se afastar da liderança do partido Democratas no Senado, sendo posteriormente desligado do partido. Em novos documentos e escutas, obtidos durante a

investigação, foi comprovada a intensa troca de favores entre o senador e o bicheiro, desde a saúde pública às licitações da Copa do Mundo. Demóstenes Torres, como um senador, deixou de defender os interesses de mais de dois milhões de eleitores que o elegeram para defender interesses restritos a uma única pessoa: Carlinhos Cachoeira, junto ao Congresso Nacional, à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e à Infraero – empresa responsável por administrar aeroportos no país. Todas essas denúncias culminaram na criação de uma CPI mista de investigação do caso, conhecida como a CPI do Cachoeira. Posteriormente, também foi descoberto o envolvimento da maior construtora do país, a Delta, com o esquema de articulação dos jogos de azar, além do expressivo crescimento do patrimônio do senador Demóstenes, que quadruplicou em um período de apenas quatro meses.

Outro assunto que também chamou atenção durante o período da análise diz respeito à chacina ocorrida em Goiás, que teve citação da cidade de Frutal. No final do mês de abril, sete pessoas foram degoladas em uma chacina ocorrida na zona rural de Doverlândia, cidade do sul de Goiás. Um dos mandantes do crime foi preso dias depois no velório de duas das sete vítimas, ocorrido na cidade de Frutal. Em depoimento, Alcides Batista, preso em Frutal, apontou também o envolvimento de Aparecido de Souza Alves, 22 anos, como principal suspeito de executar o crime. Durante a reconstituição do crime em Goiás, a queda do helicóptero da Polícia Civil que já retornava para Goiânia, em 08 de maio, matou oito pessoas, incluindo o superintendente da Polícia Judiciária de Goiás, quatro delegados, dois peritos criminais, além do principal suspeito da chacina. Após a morte dos delegados responsáveis pela investigação do caso, a chacina agora é investigada pelo delegado da cidade de Iporá, Cleiton Giovani Calodete.

O resultado da pesquisa mostra que Frutal foi citada nos noticiários nacionais apenas no caso da chacina ocorrida em Goiás, porém, nas produções jornalísticas locais, apenas uma das emissoras analisadas, a TV Integração - Afiliada Rede Globo, exibiu alguma informação referente à cidade de Frutal. Os dados levantados durante três semanas de observação, entre os dias 14 de maio de 2012 e 01 de junho de 2012, são apresentados nos quadros a seguir:

Quadro 1 – Telejornais do dia 14 de maio de 2012 (segunda-feira)

Telejornal	Matérias apresentadas no dia	Matérias com Frutal como foco principal	Matérias que apenas citam Frutal
MGTV - Rede Globo	07	00	<i>Previsão do tempo</i>
Balanço Geral - Record	08	00	00

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 2 – Telejornais do dia 15 de maio de 2012 (terça-feira)

Telejornal	Matérias apresentadas no dia	Matérias com Frutal como foco principal	Matérias que apenas citam Frutal
MGTV - Rede Globo	05	00	<i>Entrevista Cultura (Circuito Integração de Viola)</i>
Balanço Geral - Record	06	00	00

Fonte: Elaborado pelo autor.

22

Quadro 3 – Telejornais do dia 16 de maio de 2012 (quarta-feira)

Telejornal	Matérias apresentadas no dia	Matérias com Frutal como foco principal	Matérias que apenas citam Frutal
MGTV - Rede Globo	08	00	00
Balanço Geral - Record	10	00	00

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 4 – Telejornais do dia 17 de maio de 2012 (quinta-feira)

Telejornal	Matérias apresentadas no dia	Matérias com Frutal como foco principal	Matérias que apenas citam Frutal
MGTV - Rede Globo	07	00	00
Balanço Geral - Record	09	00	00

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 5 – Telejornais do dia 18 de maio de 2012 (sexta-feira)

Telejornal	Matérias apresentadas no dia	Matérias com Frutal como foco principal	Matérias que apenas citam Frutal
MGTV - Rede Globo	05	00	<i>Previsão do tempo</i>
Balanço Geral - Record	07	00	00

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 6 – Telejornais do dia 21 de maio de 2012 (segunda-feira)

Telejornal	Matérias apresentadas no dia	Matérias com Frutal como foco principal	Matérias que apenas citam Frutal
MGTV - Rede Globo	08	01- <i>Índice da criminalidad e em Frutal</i>	<i>Previsão do tempo</i>
Balanço Geral - Record	11	00	00

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 7 – Telejornais do dia 22 de maio de 2012 (terça-feira)

Telejornal	Matérias apresentadas no dia	Matérias com Frutal como foco principal	Matérias que apenas citam Frutal
MGTV - Rede Globo	04	00	00
Balanço Geral - Record	07	00	00

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 8 – Telejornais do dia 23 de maio de 2012 (quarta-feira)

Telejornal	Matérias apresentadas no dia	Matérias com Frutal como foco principal	Matérias que apenas citam Frutal
MGTV - Rede Globo	06	00	00
Balanço Geral - Record	08	00	00

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 9 – Telejornais do dia 24 de maio de 2012 (quinta-feira)

Telejornal	Matérias apresentadas no dia	Matérias com Frutal como foco principal	Matérias que apenas citam Frutal
MGTV - Rede Globo	07	00	00
Balanço Geral - Record	09	00	Publicidade

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 10 – Telejornais do dia 25 de maio de 2012 (sexta-feira)

Telejornal	Matérias apresentadas no dia	Matérias com Frutal como foco principal	Matérias que apenas citam Frutal
MGTV - Rede Globo	06	00	Previsão do tempo
Balanço Geral - Record	09	00	00

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 11 – Telejornais do dia 28 de maio de 2012 (segunda-feira)

Telejornal	Matérias apresentadas no dia	Matérias com Frutal como foco principal	Matérias que apenas citam Frutal
MGTV - Rede Globo	07	01 - Violência	00
Balanço Geral - Record	11	00	00

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 12 – Telejornais do dia 29 de maio de 2012 (terça-feira)

Telejornal	Matérias apresentadas no dia	Matérias com Frutal como foco principal	Matérias que apenas citam Frutal
MGTV - Rede Globo	05	00	Previsão do tempo
Balanço Geral - Record	11	00	00

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 13 – Telejornais do dia 30 de maio de 2012 (quarta-feira)

Telejornal	Matérias apresentadas no dia	Matérias com Frutal como foco principal	Matérias que apenas citam Frutal
MGTV - Rede Globo	08	00	00
Balanço Geral - Record	09	00	00

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 14 – Telejornais do dia 31 de maio de 2012 (quinta-feira)

Telejornal	Matérias apresentadas no dia	Matérias com Frutal como foco principal	Matérias que apenas citam Frutal
MGTV - Rede Globo	07	00	00
Balanço Geral - Record	08	00	00

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 15 – Telejornais do dia 01 de junho de 2012 (sexta-feira)

Telejornal	Matérias apresentadas no dia	Matérias com Frutal como foco principal	Matérias que apenas citam Frutal
MGTV - Rede Globo	08	00	<i>Previsão do tempo</i>
Balanço Geral - Record	07	00	00

Fonte: Elaborado pelo autor.

De todo o material analisado, pode-se concluir que a quantidade de matérias relacionadas ao município de Frutal nos telejornais *MGTV* e *Balanço Geral* ainda é pequena e restrita. Em um período de três semanas de análise, de segunda à sexta-feira, o noticiário *MGTV* da TV Integração noticiou Frutal em apenas uma reportagem referente à segurança pública (Aumenta em 95% o número de roubos em Frutal, MG, segundo a PM)³, em uma entrevista de cultura, referente ao evento Circuito Integração de Viola promovido pela emissora, uma nota seca sobre um acontecimento factual relacionado à violência (Mulher é morta pelo namorado a facada em Frutal, MG, diz

³ Reportagem disponível em: <g1.com.br/tvintegracao>. Acesso em: 10 jun. 2012.

PM)⁴, além de citações da cidade no quadro da previsão do tempo. O telejornal *Balanço Geral* da TV Paranaíba não exibiu nenhuma reportagem ou nota referente à Frutal no período de análise, restringindo-se apenas à citação da cidade em uma publicidade de empresa privada que patrocina o programa.

A TV Integração de Uberaba conta com o apoio de um jornalista frutalense, Antônio Araújo, para a sugestão de pauta para seus telejornais que, em geral, veicula informações do cotidiano de Frutal, como notícias referentes à segurança pública (roubos, assassinatos, tráfico de drogas), acidentes de trânsito, reivindicação e protesto de moradores da cidade e cultura. A emissora conta com uma equipe de reportagem responsável pela cobertura de assuntos referentes a Frutal e outros municípios da região Sul do Triângulo Mineiro. A TV Paranaíba, de Uberlândia, conta com uma equipe de reportagem na cidade de Uberaba, que se restringe a fatos ocorridos naquela região.

Apesar da pouca relevância do município frutalense nos telejornais locais, que priorizam notícias ocorridas nas principais cidades da região de cobertura ou cidades-sede das emissoras, Frutal já foi destaque em reportagens especiais, exibidas em 2011, de ambas as emissoras de TV. O telejornal *MGTV* exibiu durante uma semana uma série de cinco reportagens especiais sobre a cidade no quadro “Integração Cidade”, sobre aspectos históricos, culturais, econômicos, bem como a reivindicação dos moradores diante de algumas questões não atendidas pela gestão pública municipal, a exemplo do protesto sobre os buracos em uma rua da cidade. O telejornal *Balanço Geral* também exibiu três reportagens especiais no quadro “Na rota do Balanço Geral”, abordando aspectos culturais e históricos da cidade.

É possível notar através da análise que a TV Integração - Rede Globo realiza uma melhor cobertura das notícias nos diversos municípios da região, ainda restrita, visto que sua área de cobertura é menor. Na região Ituiutaba - Uberaba, o município de Frutal é o terceiro maior em população e considerado polo para outras pequenas localidades do entorno. A TV Paranaíba - Rede Record possui uma extensa área de cobertura e enfatiza as notícias ocorridas em cidades onde a emissora conta com equipes de reportagem: Uberlândia e cidades vizinhas, Uberaba e Patos de Minas. O município de Frutal é pouco noticiado nas TVs locais no que se refere a seus aspectos culturais,

⁴ Reportagem disponível em: <g1.com.br/tvintegracao>. Acesso em: 10 jun. 2012.

relevância econômica e educacional para a região, sendo mais frequentes as notícias relacionadas a crimes, violência, tráfico de drogas e acidentes de trânsito. É possível constatar que Frutal ainda é pouco explorada pelas emissoras locais de TV e em noticiários nacionais o município tem pouca expressividade.

Considerações Finais

Independentemente dos objetivos principais, qualquer pesquisa sobre conteúdo de notícias dos telejornais regionais revela a pouca frequência ou ausência de Frutal no noticiário. É possível perceber nesta pesquisa que o pouco do que é noticiado sobre Frutal nas televisões regionais diz respeito quase aos acontecimentos factuais, como violência, política e operações policiais. Grande parte das reportagens ou notas sobre fatos ocorridos no município dizem respeito a ocorrências relacionadas à violência e tráfico de drogas, descaso público que resulta em problemas e protestos de moradores (ruas esburacadas, alto índice da criminalidade). Mesmo sendo um centro regional de grande importância para outros municípios da região do Baixo Vale do Rio Grande, Frutal é pouco explorada pelas emissoras de televisão.

27

Poucas são as exceções e, quando ocorrem, são temporárias. A cidade foi destaque na imprensa local e nacional com a inauguração da Cidade das Águas, um centro internacional de pesquisas sobre recursos hídricos cujos trabalhos são realizados pelo Instituto HidroEx - UNESCO em parceria com importantes instituições de ensino superior do país, dentre elas a Universidade do Estado de Minas Gerais, campus de Frutal. O protesto inusitado dos moradores de uma rua da cidade que pintaram os buracos do logradouro com a sigla IPVA também ganhou destaque não apenas na região, como também em grandes telejornais de alcance nacional, como o Jornal da Globo.

Mesmo pouco explorada pelos noticiários locais, Frutal se faz presente na TV através do trabalho do jornalista Antônio Araújo, que envia notas ou sugestões de reportagem à TV Integração (Rede Globo).

Se Frutal ganha algum destaque através de ocorrências policiais, casos de violência e criminalidade ou até mesmo problemas da comunidade, o mesmo não pode

se dizer sobre entretenimento e esporte local. A ExpoFrutal – feira agropecuária realizada anualmente – e o Mega – festival beneficente com *shows* de artistas promovido pela Rádio 97 – são pouco explorados em reportagens. Outro importante acontecimento cultural é a festa de Nossa Senhora Aparecida no distrito de Água Santa, ponto de peregrinação para milhares de romeiros na região do Triângulo Mineiro.

Com a pesquisa apresentada, é possível afirmar que Frutal está presente nos noticiários das emissoras de televisão regional, porém há uma ausência que pode ser suprida através de reportagens sobre a cultura, economia, política, bem como a produção de pesquisa e tecnologia desenvolvida no município. O jornalismo comunitário, mostrando a realidade, problemas e reivindicações dos moradores também merece uma maior atenção. O trabalho desenvolvido pelas assessorias de comunicação local, através de *releases*, precisa ser mais divulgado a essas emissoras, pois podem representar sugestões para importantes reportagens sobre diversos aspectos do município de Frutal.

A ausência de Frutal no noticiário regional pode ser explicada por Bastos da Silva (1997, p. 61) através da constatação em que nem sempre o telespectador de uma determinada cidade do interior tem a garantia de se ver na tela. A pesquisa de Bastos sobre dados de duas emissoras da Baixada Santista (SP) mostrou que as emissoras dão maior ênfase para a cidade mais importante da região, o que tem despertado críticas sobre o papel que as emissoras de TV teriam de prestar para a região. “As empresas afirmam que não possuem equipes suficientes para realizar uma cobertura cabal ou às vezes não justifica enviar uma equipe para um município muito distante sem haver maior razão [...]” (BAZI 1997 apud BASTOS DA SILVA, 1997, p. 1). Ainda de acordo com Bastos da Silva (1997), as televisões regionais necessitam descobrir seu caminho para não cair na mera cobertura do cotidiano, sem levar reflexão ou informação mais consistente ao espectador.

O telejornalismo regional representa a integração de diversos municípios através da informação, podendo auxiliar os mesmos no desenvolvimento de mercados e pessoas, bem como propor soluções para os problemas vividos pelas comunidades, além de reforçar aspectos da cultura local que, mesmo em face da globalização, se mantêm presentes na TV.

Referências

- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo R. *Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV*. São Paulo: Campus /Elsevier, 2005.
- BASTOS DA SILVA, Robson. Análise comparativa entre duas emissoras de televisão regionais situadas na Baixada Santista. In: MATTOS, Sérgio (Org.). *A televisão e as políticas regionais de comunicação*. São Paulo: Intercom, 1997. p. 57-68.
- BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. *TV Regional: trajetória e perspectivas*. Campinas: Alínea, 2001.
- BONNER, William. *Jornal Nacional: modo de fazer*. Rio de Janeiro: Globo, 2009.
- D'ÁVILA, Roberto. Jornalismo no Brasil. In: REZENDE, Guilherme Jorge. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.
- GLEISER, Luiz. *Além da notícia: o Jornal Nacional e a televisão brasileira*. Rio de Janeiro: 1983. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.
- GUILHERME, Clarissa *et al.* *A história da imprensa de Frutal: um passado presente*. 2011. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Universidade do Estado de Minas Gerais, Frutal, 2011.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. 2010. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso: 2 mar. 2013.
- JAKOBSON, Roman. Lingüística e Poética. In: _____. *Lingüística e comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1995.
- LIMA, Fernando Barbosa. *Televisão e vídeo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (Coleção Brasil os anos de autoritarismo).
- MANUAL DA GLOBO DE TELEJORNALISMO. Central Globo de Jornalismo. Rio de Janeiro: Globo, 1986.
- MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO. O Estado de São Paulo. Organizado por E. Martins. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1992.
- MCLUHAN, Marshall; FIORE, Q. *Guerra e paz na aldeia global*. Rio de Janeiro: Record, 1971.
- NOGUEIRA, F. Televisão: um instrumento de mensagem. *Revista de T.O. da USP*, São Paulo, v. 8, n. 1, p.53-56, 1997.
- PAILLET, Marc. O Sistema 1. In: _____. *Jornalismo: o quarto poder*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PATERNOSTRO, Vera I. *O texto na TV: manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 2006.

REEVES, Richard. Jornalismo na TV acabou, diz especialista. *Folha de São Paulo*. Entrevista– em Nova York. 11 out. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31096.shtml>>. Acesso em: 2 mar. 2013.

REZENDE, Guilherme Jorge. O papel do código verbal no telejornalismo. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/0691a919666c893ffb28cea7279a0ff4.pdf>>. Acesso em: 1 mar. 2013.

_____. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.

SOUZA, José Carlos Aronchi. *Gêneros e formatos na televisão brasileira*. São Paulo: Summus, 2004.

TRAMONTINA, C. *Entrevista*. São Paulo: Globo, 1996.

Wegbrafia

Disponível em: <http://www.com.ufv.br/pdfs/tccs/2007/2007_vitorsecchin_analisejornaisdaglobo.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2013.

Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/mg/tvintegracao/noticia/2011/11/linha-do-tempo.html>>. Acesso em: 3 dez. 2012.

Disponível em: <<http://tvparanaiba.portalp10.com.br/hist.php>>. Acesso em: 2 jan. 2013.

Disponível em: <<http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/6%20-%20telejornalismo.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2012/05/aumenta-em-95-o-numero-de-roubos-em-frutal-mg-segundo-pm.html>>. Acesso em: 5 set. 2012.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2012/05/mulher-e-morta-pelo-namorado-facada-em-frutal-mg-diz-pm.html>>. Acesso em: 1 maio 2012.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2012/04/dois-suspeitos-de-chacina-em-go-sao-presos-em-frutal-minas-gerais.html>>. Acesso em: 3 nov. 2012.

Disponível em: <<http://comercial2.redeglobo.com.br/feiradeeventos16/Paginas/exibidora.aspx?exib=90>>. Acesso em: 3 jul. 2012.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2013/02/tv-integracao-amplia-sinal-digital-para-mais-22-cidades.html>>. Acesso em: 2 fev 2013.

Disponível em: <g1.com.br/tvintegracao>. Acesso em: 10 jun. 2012.